# Celebrações e deleites de um outro tempo: o bem viver ao gosto dos harpistas do Egito Antigo

**Cássio de A. Duarte**
Museu de Arqueologia e Etnologia - USP
menkassio1@hotmail.com

**Resumo**
Incontestável ícone da mídia que foi impulsionado pelas grandes descobertas arqueológicas dos dois últimos séculos, o Egito antigo se sedimentou no imaginário popular como sendo uma terra exótica e mística; uma cultura icônica por seus monumentos de proporções divinas, por sua escrita misteriosa cercada por imagens animais e humanas singulares, e por suas práticas funerárias tão estranhas quanto fascinantes. Sob um olhar minucioso, entretanto, algumas destas visões se revelam como uma verdadeira miragem provocada pelos veículos de informação, os quais utilizam múmias, pirâmides e tumbas como elementos sedutores à mente Ocidental mas de maneira completamente empobrecida de significado. Mas as mesmas sepulturas e outras fontes milenares persistem em eternizar na rocha o clamor da riqueza humana ao transmitir uma realidade diversa: os egípcios antigos não ansiavam ou sequer eram obcecados pela ideia da morte; ao contrário, foram verdadeiros cultuadores da vida e das delícias do bem-viver, querendo que estas perdurassem para sempre no cenário da terra à qual estavam tão enraizados.

Objetivamos com este trabalho o vislumbre de algumas fontes que enfocam o prazer da vida no Egito antigo e sua celebração por meio dos produtos da terra e das artes.

**Palavras-chave**
Egito antigo; canto do harpista; alimento; vida; música

Célebres por suas pirâmides, templos monumentais e por suas múmias, os antigos egípcios são uma presença constante em produções cinematográficas, televisivas ou em publicações de grande difusão. O multifacetado imaginário que se desenvolveu em torno dessa sociedade é complexo e com raízes antigas, tendo recebido contribuições da literatura bíblica, dos antigos gregos e romanos e de diversos personagens da Europa e de mais além desde o Renascimento até os dias de hoje (Donadoni 1990: 12-99). Pela perspectiva bíblica há, por um lado, um Egito obstinado a expulsar os israelitas que se contrapõe, por outro, ao país que os recebeu e que, mais tarde, também foi refúgio da Sagrada Família. Sob o olhar dos autores clássicos, o Egito foi tanto um país de hábitos estranhos povoado por bárbaros quanto o centro de um conhecimento muito antigo herdado do período dos deuses - uma parada obrigatória na biografia de diversos pensadores helenos. Deste olhar simpático, mas muito influenciado pelo misticismo, vingou o hermetismo, uma filosofia esotérica que ganhou força considerável durante o Renascimento italiano. Foi somente após a publicação da Descritpion de l'Égypte (1809-1829), produto da expedição de Napoleão ao Egito que a Europa e, a partir dela, o restante do mundo, passaram a conhecer os egípcios (tanto os antigos quanto os contemporâneos) em seu contexto geográfico por uma perspectiva enciclopedista e científica. Mas se o caráter exótico das terras do Nilo já estava presente nos relatos de diversos autores até essa época, com essa publicação se constroi e se cristaliza todo um imaginário orientalista que, como uma febre, se alastra com a reprodução *ad infinitum* de motivos egípcios na arquitetura, nas artes decorativas e da bijuteria. Toda essa bagagem de conceitos e preconceitos foi legada ao mundo contemporâneo o qual, por sua vez, tem contribuído para mantê-la e amplificá-la.

Este movimento, que é continuamente insuflado pelas mídias, sofre pouquíssima influência das discussões do mundo acadêmico, as quais se restringem à documentários e exposições em museus. Em países como o Brasil, onde a educação é deficitária - os museus com coleções egípcias (quase ausentes ou mal aproveitadas) e as redes de televisão privilegian-

do a difusão de programas de categoria duvidosa -, não é de se estranhar que prevaleça um imaginário fantástico e distorcido acerca da cultura egípcia.

Entre esteriótipos como as pirâmides e sua presumível energia, a equivocada e mal interpretada "lei da frontalidade" – que inspira um tipo de coreografia muito particular -, as riquezas faraônicas e o exotismo de Cleópatra, o tema mais presente é o das múmias (incluindo aqui seus ataúdes) e da fixação egípcia pela morte. São inúmeras, por exemplo, as produções cinematográficas que tocam no assunto direta ou indiretamente, e nos museus internacionais está entre as seções mais visitadas. Estojos de lápis em forma de ataúdes e brinquedos educativos que ensinam a mumificar são muito populares em lojas dessas instituições. A morte vende bem. Mas de toda a variada cultura material produzida pela cultura egípcia, com seus requintados objetos de toalete, seriam as múmias e seus sarcófagos os melhores representantes dela, tal como se tornou comum considerar?

A preservação de uma quantidade desproporcional de túmulos em relação a de vestígios urbanos além do tempo estimado para a preparação destes - os quais deveriam ser encomendados desde cedo durante a vida de seus proprietários - são fatores que pesam em favor da interpretação de que os egípcios viviam para a morte. Neste raciocínio, faz sentido pensarmos que tudo aquilo simbolize a morte automaticamente representará bem a civilização egípcia como um todo, dado todo o aparato simbólico e cultual que esta desenvolveu no decorrer dos séculos para lidar com essa circunstância.

Mas até que ponto isso é verdade, se nas próprias capelas funerárias privadas a maior proporção de cenas retrata aspectos da vida do dia-a-dia? Ainda que expressem uma simbologia funerária camuflada, essas imagens soam plausivelmente como "retratos" da vida cotidiana.

Outros indícios nos auxiliam a refletir sobre o assunto e sinalizam para um cenário bastante diferente na maneira como os antigos egípcios encaravam a vida.

Um texto pertencente à categoria dos "cantos de harpistas" que se encontra em estado fragmentário em uma das paredes da capela de Paatonemheb (Lichtheim 1945: 142; Schneider, Raven 1981: 94-95) e cujo conteúdo é conhecido na íntegra por sua transcrição no papiro Harris 500 diz (E. Araújo 2000: 372-374):

> (...) "Uma geração passa, outra fica em seu lugar,
> Desde o tempo dos antepassados.
> Os deuses que viveram outrora repousam em suas pirâmides,
> Assim como os bem-aventurados enterrados em suas pirâmides.
> Construíram residências,
> mas seu local desapareceu.
> O que foi feito delas?
> Ouvi as palavras de Im-hotep e Hordedef,
> Cujos ditos são repetidos,
> Mas onde estão suas casas?
> Suas paredes esfacelaram-se,
> Seu local desapareceu
> Como se nunca tivessem existido.
> Ninguém volta do lugar onde se acha
> Para contar como está,
> Para dizer o que precisa,
> Para serenar nosso coração
> Até irmos para onde eles foram.
> Por isso, alegra teu coração,
> Esquece que serás um espírito luminoso,
> Segue teu desejo por mais que vivas.
> Põe mirra em tua cabeça,
> Veste linho fino,
> Unta a ti mesmo com as genuínas maravilhas de um deus.
> Aumenta teus deleites,
> Que teu coração não se entristeça!
> Segue teu desejo e os prazeres a que aspiras,
> Faze tuas coisas na terra ao pedido de teu coração.
> Quando chegar-te o dia de luto

O Inerte de Coração (Osíris) não ouvirá os lamentos por ti,
E os gemidos não livram o homem da sepultura.

Faze do dia uma festa
E não te canses!
Eis que ninguém pode levar suas coisas consigo,
Eis que ninguém que parte volta de novo!"

• Harpista ilustrado na capela de Paatonemheb. Rijksmuseum van Oudheden, Leiden. Foto do autor

A composição acima, conhecida como o "Canto do harpista para Antef", outrora decorava a sepultura de um rei do Segundo Período Intermediário (c. 1650-1550 a.C.) com esse nome, entretanto, seu conteúdo só nos é conhecido pelas transcrições posteriores datadas da 18ª e 19ª dinastia (c. 1550-1186 a.C.). Textos desta categoria eram registrados nas capelas funerárias, no contexto das representações de banquetes, onde a imagem de um harpista – via-de-regra cego - se destaca. De uma outra versão, descrita no túmulo de Neferhotep (TT 50), citamos a seguinte parte (Lalouette 1984: 229-230; Lichtheim op. cit.: 195-197):

> (...) "Faz um dia feliz. Ponha junto o incenso e o óleo fino para tua narina, guirlandas de lótus e de flores sobre teu peito, ao passo que tua irmã, doce ao teu coração, está sentada ao teu lado. Que os cantos e as danças estejam diante de ti , rejeita as preocupções atrás de ti. Não te lembres que da felicidade, até que venha o dia de se chegar à terra que ama o silêncio, onde o coração do filho amado não se cansa". (...)

O teor epicuriano *avant la lettre* desses escritos é percebido em outro tipo de composição literária que nada tinha a ver com o contexto funerário: os cantos de amor. Em um ostracon proveniente da região tebana (Feneuille 2010: 140-141; Mathieu 2008: 113-114) a ambientação que cria a sensação de felicidade inclui – além da presença do amado – o consumo de cerveja, a queima de incenso e a presença de músicos e cantores:

> "Dia feliz de te ver, irmão, é um encantamento te olhar.
> Possas-tu penetrar no meu lar, com cerveja e cantores com seus instrumentos,
> Suas bocas providas de divertimentos para a felicidade e alegria! (...)
> Tua irmã te presta uma homenagem e se prosterna à tua visão.
> Aceita-a com cerveja e incenso como oferenda a um deus!"

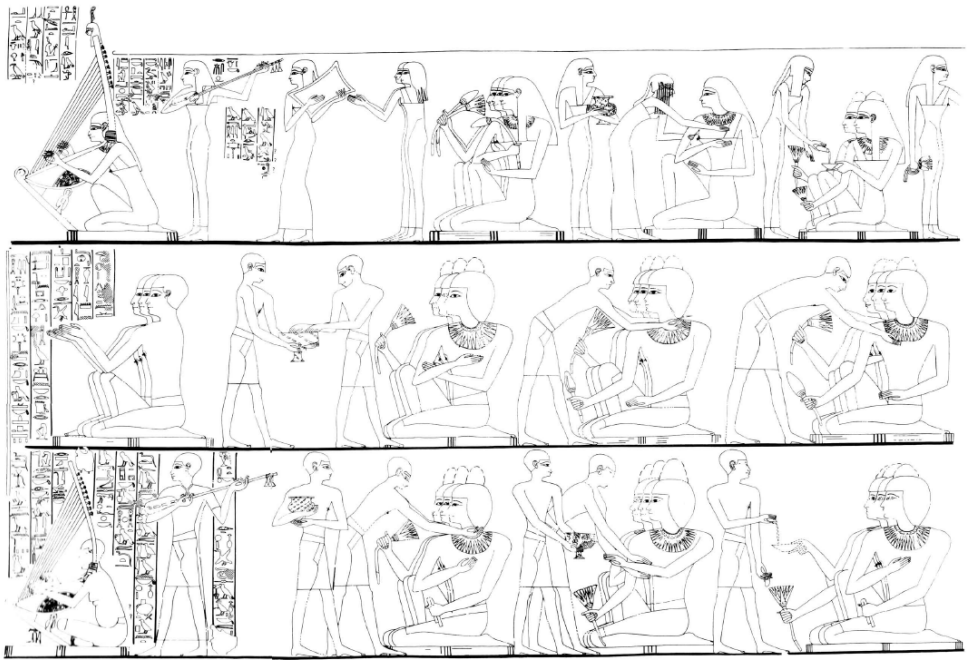
Em outra cantiga também datada do Reinado Novo (c. 1550-1069 a.C.), a amada se refere à fala e a aparência de seu amante como um verdadeiro banquete para os sentidos: "Ouvir a tua voz é como vinho doce, vivo só para a ouvir. Cada vez que olho para ti, fico mais alimentada do que comer e beber" (L. Araújo 2000: 285). Em um poema de amor oriundo da coletânea de um escriba, notamos tons mais carregados sobre as imagens eróticas (L. Araújo op. cit.: 276):

> "Apresentas-te à porta da casa da tua amada
> E entras para a sala de recepção,
> Bem decorada, como uma pérgula.
> Ela oferece canto e dança, vinho e cerveja.
> Cabe-te excitar os seus desejos
> E ganhá-la para sua noite.
> Então ela te dirá: "Toma-me nos teus braços, e pela alvorada estaremos na mesma posição!" "

Se nem sempre a totalidade desses elementos – música, bebida, comida – é exposta em um mesmo texto, sua inter-relação por meio da iconografia é constante nas cenas de banquete desde o Reinado Antigo. Nestas, o falecido, acompanhado de seus familiares e convidados aparece em meio

a uma profusão de quitutes de toda a espécie, experimentando todas as delícias do bem-viver em meio a dançarinas esbeltas embaladas pelo som de uma orquestra de harpistas, flautistas e percussionistas acompanhadas por um cantor. Na capela do túmulo de Rekhmirê (Brancaglion Jr. 1999: 262, pr. XXV – 1; Peters-Destéract 2005: 353-354), que foi governador de Tebas e vizir durante a 18ª dinastia (c. 1550-1295 a.C.), em uma cena de banquete encontramos uma passagem bastante evocativa sobre a associação de todos esses prazeres:

> "Regozija o coração, vê que coisas belas,
> As preces, as danças, os cantos,
> Perfuma-te com mirra, cobre-te com óleo perfumado,
> Aspira uma flor de lótus,
> O pão, a cerveja, as doçuras e todas as coisas
> Trazidas ás tuas mãos.
> Para o príncipe e vizir Rekhmirê,
> Que se encontra em companhia de sua mulher,
> Aquela que seu coração ama,
> A senhora da casa, Merit."



. Cena de banquete da tumba de Rekhmirê (Davies 1943: pr. LXVI).

Ainda que sejam encontradas em contexto funerário e que não haja certeza a respeito de seu real teor – se representavam de forma idealizada os banquetes celebrados em vida ou aqueles que eram feitos na sepultura pelos parentes e amigos do morto para celebrar sua memória de maneira simbólica (Brancaglion Jr op. cit.) – a mensagem dessas cenas de festim, a qual se cruza com registros de outra natureza como, por exemplo, as cenas agrárias, é voltada à celebração da vida, da abundância, da fertilidade e do bem-viver. E próprio pós-vida egípcio era um reflexo da vida às margens do Nilo, com suas atividades de subsistência mas ainda com os seus prazeres, como ilustra esta passagem do capítulo 110 do "Livro dos mortos" (Trindade Lopes 1991: 143):

> "Eu equipo este meu campo, o teu campo bem-amado, senhora da brisa; aqui me alegro e sou forte, aqui como e bebo, aqui trabalho e ceifo, aqui coito e faço amor, os meus encantamentos mágicos são aqui poderosos; não tenho censuras nem inquietude e o meu coração está feliz"

Desconhecemos como os textos dos túmulos eram pronunciados por seus visitantes, contudo alguns estudos sugerem que alguns destes, por sua métrica particular, foram elaborados para serem ser cantados (Lawergreen 2001: 453). Se considerarmos a importância da voz e sua entonação na elocução desses textos, das fórmulas mágicas e das oferendas tradicionais (funerárias ou não) – compostas de "pão, cerveja, linho, alabastro e todas as coisas puras e boas" - como substitutos das coisas reais, percebemos o quanto os sentidos se mesclavam na consciência dos antigos egípcios e a grande distância que nos separa deles na forma de ver o mundo.

E assim voltamos à questão de se a ideia da morte, as práticas funerárias e a cultura material à elas relacionada representaria bem os antigos egípcios. Ainda que disponhamos de uma gama de fontes desproporcional no que concerne às informações acerca da vida cotidiana no campo e nas cidades em relação com aquela proveniente das necrópoles, talvez

possamos acenar positivamente à questão. Isto porque não é a morte em si e como os egípcios se comportavam diante dessa circunstância que serve como parâmetro para os compreendermos, mas sim como eles projetaram seus valores e percepções do mundo real no luxuriante e mágico vale do Nilo na maneira como a concepção do além foi construída. Quando visitamos as coleções em museus, as vemos de maneira descontestualizada, classificada segundo um parâmetro que faz sentido em nossa cultura, mas que engessa todo um mundo mental e sensorial interligado que os egípcios viviam. De nossa inaptidão para compreender aquilo que escapa à nossa lógica, acabamos por eleger o tema da morte em si como um sinônimo para o Egito antigo, esquecendo das formas como estes celebravam muito bem a vida por meio de suas diversas qualidades de cerveja e vinho, e ouvindo e cantando músicas enquanto se deliciavam com os produtos da terra e das artes culinárias.

Em síntese, os egípcios antigos são associados à morte porque é isso que nos condicionamos a enxergar neles, e mesmo ao interpretá-la nessa sociedade o fazemos com um olhar alienado, misturando múmias caminhantes com conde Drácula e Frankenstein. Um bom aferidor desta impressão é a celebridade adquirida pelo "Livro dos mortos" e a força que o título dessa obra exerce sobre o imaginário do mundo contemporâneo, evocando sempre uma impressão de mistério e obscuridade. Nome conferido pela arqueologia do século XIX a um conjunto particular de textos com vinhetas encontrados nas sepulturas, esta alcunha não faz justiça nem ao conteúdo nem ao título original da obra, chamada de "fórmulas para sair à luz do dia"

## Conclusão

Para além de uma cultura que valorizava a morte mais do que a própria experiência da vida, encontramos nos testemunhos documentais deixados pelos antigos egípcios uma paixão vibrante pelas delícias do bem viver que eles esperavam que se estendessem para a eternidade.

Orquestras constituídas de instrumentistas diversos acompanhadas de cantores embalavam jovens dançarinas desnudas a disseminar com seus movimentos acrobáticos rápidos o odor dos incensos e dos perfumes que tomavam o ambiente dos suntuosos banquetes, onde os anfitriões degustavam juntamente com seus convidados os melhores produtos da terra e das artes culinárias. Articuladores hábeis dos sentidos e da imaginação mágico-simbólica, os egípcios continuam a não se adequar aos conceitos esteriotipados e auto-referenciais que o Ocidente continua a projetar sobre eles na contemporaneidade.

## Bibliografia


Araújo, Emanuel. 2000. *Escrito para a eternidade. A literatura no Egito faraônico*. Brasília: Ed. UnB.

Araújo, Luís Manuel de. 2000. Estudos sobre erotismo no antigo Egito. Lisboa: Edições Colibri.

Brancaglion Jr., Antonio. 1999. O banquete funerário no Egito antigo – Tebas e Saqqara: tumbas privadas do Novo Império (1570-1293 a.C.). Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. São Paulo: Universidade de São Paulo.

Davies, Norman de Garis. 1943. The tomb of Rekhmirē at Thebes, 2 vols. Nova York: Metropolitan Museum of Art.

Donadoni, Sergio. 1990. « El Egipto del mundo clasico". In Egipto del mito a la egiptologia. Milão. Fabbri/ Istituto bancario San Paolo di Torino: 12-39.

Donadoni, Sergio. 1990. « El Egipto del Renacimiento". In Egipto del mito a la egiptologia. Milão. Fabbri/ Istituto bancario San Paolo di Torino: 40-60.

Donadoni, Sergio. 1990. « El Egipto de la edad barroca". In Egipto del mito a la egiptologia. Milão. Fabbri/ Istituto bancario San Paolo di Torino: 61-73.

Donadoni, Sergio. 1990. « El Egipto del siglo XVIII". In Egipto del mito a la egiptologia. Milão. Fabbri/ Istituto bancario San Paolo di Torino: 74-103.

Feneuille, Serge. 2010. Paroles d'amour. Paris: CNRS éditions.

Lalouette, Claire. 1984. Textes sacrés et textes profanes de l'ancienne Egypte, des pharaons et des hommes. Paris : Gallimard.

Lichtheim, Miriam. 1945. "The songs of the harpers" *Journal of Near Eastern Studies*, 4, nº 3: 178-212.

Mathieu, Bernard. 2008 La poésie amoureuse de l'Égypte ancienne. Recherches sur un genre littéraire au Nouvel Empire. Cairo: Institut Français d'Archéologie Orientale.

Peters-Destéract, Madeleine. 2005. Pain, bière et toutes bonnes choses... l'alimentation dans l'Égypte ancienne. Monaco: Éditions du Rocher.

Lawergreen, Bo. 2001. "Music". In The Oxford encyclopaedia of ancient Egypt, V.2. Nova York, Oxford University Press: 450-454

Schneider, Hans. D., Raven, Maarten. J. 1981 De Egyptische oudheid. Haia: Staatsuitgeverij's.

Trindade Lopes, Maria Helena. 1991. O livro dos mortos do antigo Egipto. Lisboa: Assírio e Alvim.